

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PIBIDIANA

Lehana Borges dos Santos¹
Kelen dos Santos Junges²
Claudia Maria Petchak³
Adriane Elisa Dombrowski⁴

RESUMO

A formação inicial docente é um processo que envolve o desenvolvimento de competências pedagógicas essenciais para a prática em sala de aula, sendo os estágios e projetos de ensino, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), fundamentais para integrar teoria e prática. O presente trabalho, realizado no subprojeto Pibid do Curso de Pedagogia de uma universidade pública estadual paranaense, tem como objetivo analisar o papel da avaliação diagnóstica no processo de alfabetização. O estudo foi desenvolvido com base na observação das práticas pedagógicas durante o Pibid, com ênfase nas atividades de alfabetização de uma turma do 1º ano do ensino fundamental. Para tanto foi utilizada a pesquisa bibliográfica que incluiu a análise de pesquisas e abordagens sobre avaliação diagnóstica no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização, citando autores como Cagliari (1999), Hoffmann (2015), Lobo e Brito (2022), Soares (2013, 2020). A avaliação diagnóstica foi identificada como uma ferramenta essencial para o entendimento do nível de desenvolvimento dos alunos, permitindo que os professores ajustassem suas estratégias pedagógicas de acordo com as necessidades individuais. A análise das avaliações diagnósticas demonstrou que são fundamentais não apenas para monitorar o progresso dos alunos, mas também para orientar o planejamento pedagógico, promover intervenções adequadas e enriquecer a prática docente. Os principais resultados indicam que a avaliação diagnóstica contribui significativamente para o processo de alfabetização, ao permitir um acompanhamento contínuo das dificuldades dos alunos e possibilitar uma intervenção pedagógica mais eficaz, tornando-se um componente central na formação inicial de professores e na prática docente.

Palavras-chave: Formação docente, Avaliação diagnóstica, Alfabetização, Práticas pedagógicas, Pibid.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória. Bolsista egressa do Pibid, subprojeto de Pedagogia, lehana.borges@gmail.com;

² Pedagoga, Doutora em Educação (PUCPR), Professora associada da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória, no curso de Pedagogia. Coordenadora de Área do Pibid, subprojeto de Pedagogia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX). Membro do Grupo de Pesquisa Paradigmas Educacionais na Formação de Professores (PEFOP), kelen.junges@unespar.edu.br;

³ Pedagoga, Pós doutora em Educação (UEPG), Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de União da Vitória, no curso de Pedagogia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa (GEPPRAX), aecmari@gmail.com;

⁴ Pedagoga, Doutoranda em Didática da Matemática pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal. Professora e técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de União da Vitória/PR. Supervisora bolsista egressa do Pibid, subprojeto de Pedagogia, dombrowski.adri@gmail.com;



A formação inicial docente é um processo que se estende além do aprendizado teórico, envolve a construção e desenvolvimento de competências pedagógicas que são fundamentais para a prática efetiva em sala de aula.

Dentro do curso de Pedagogia, os estágios e projetos de ensino são espaços essenciais para o desenvolvimento de práticas de aprendizagem. As práticas realizadas durante o estágio curricular são complementadas e enriquecidas pelas experiências proporcionadas pelos projetos, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)⁵, que oferecem uma vivência contínua e diversificada. Essa combinação garante uma formação mais completa, integrando teoria e prática de maneira eficaz.

Nesse contexto, o Pibid, como locus da prática docente, se torna uma vivência essencial nos cursos de licenciaturas, pois articula o Ensino Superior e a Educação Básica e promove uma integração entre ensino, pesquisa e extensão. O Programa oferece aos acadêmicos a oportunidade de vivenciar a prática pedagógica no ambiente escolar destacando aqui a fase de alfabetização, que é a área trabalhada pelo subprojeto do Curso de Pedagogia, de uma universidade pública estadual paranaense, contexto no qual este texto se fundamenta.

Durante a participação no Pibid, na edição do Edital 023/2022 - Capes/Pibid (Capes, 2022), uma das constatações mais significativas no processo de alfabetização dos estudantes de uma turma de 1º ano do ensino fundamental da escola parceira, foi a importância da avaliação diagnóstica no processo de ensino-aprendizagem. A avaliação diagnóstica, uma prática essencial para o entendimento do nível de desenvolvimento e das necessidades educacionais dos alunos, revelou-se um componente eficaz para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e para o suporte ao processo de alfabetização e desenvolvimento cognitivo.

A observação de avaliações diagnósticas durante as atividades de alfabetização no Pibid, que também foi validado como carga horária de estágio curricular supervisionado, possibilitou uma visão mais profunda sobre a necessidade de um acompanhamento constante e de uma intervenção pedagógica ajustada às realidades dos alunos.

A partir dessa experiência vivenciada no subprojeto Pibid é que emergiu este estudo, que, a partir de pesquisa bibliográfica, objetiva analisar o papel da avaliação diagnóstica no processo de alfabetização, destacando suas implicações para a prática pedagógica e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem.

⁵ No Curso de Pedagogia em questão, parte da carga horária cumprida no Pibid é validada na carga horária do estágio curricular supervisionado.



A experiência no Pibid demonstrou que a avaliação diagnóstica não se limita as ferramentas de verificação do progresso dos alunos, mas sim a um elemento central que orienta a prática docente no processo de alfabetização. Ao observar as avaliações diagnósticas, foi possível perceber como estas permitem aos professores identificarem as dificuldades específicas dos alunos, compreender suas necessidades individuais e adaptar suas abordagens pedagógicas para melhor atender a essas necessidades.

Esse processo enriquece a compreensão sobre a prática docente, e destaca a importância de integrar a avaliação diagnóstica como uma ação central na formação inicial e na prática docente.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PIBID NO CONTEXTO DE ALFABETIZAÇÃO

A formação inicial docente considera diversos aspectos do processo formativo dos futuros professores, período em que se constroem e desenvolvem competências e habilidades pedagógicas embasadas em estudos teóricos e fortalecidas com práticas supervisionadas. Esse processo é um dos objetivos pelo qual as acadêmicas bolsistas iniciam no Pibid e por meio dele vivenciam práticas que elevam a formação acadêmica nos cursos de licenciatura, com destaque neste estudo para o processo de alfabetização.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NO CURSO DE PEDAGOGIA: CONCEITOS E PRINCÍPIOS

O PIBID é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes), e integra a Política Nacional de Formação de Professores. O objetivo do PIBID é fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de professores em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública no Brasil (Capes, 2022).

O Programa proporciona a inserção de estudantes de licenciatura no cotidiano das escolas públicas, promovendo seu desenvolvimento como futuros docentes. A Capes oferece cotas de bolsas às Instituições de Ensino Superior (IES), que selecionam internamente os bolsistas para seus subprojetos aprovados. Participam do PIBID licenciandos, professores da rede pública de educação básica e professores das instituições de ensino superior (IES).

No curso de Pedagogia de uma universidade pública paranaense, lócus deste estudo, um dos objetivos do subprojeto, na edição na edição do Edital 023/2022 - Capes/Pibid é



“Contribuir para uma formação inicial sólida e articulada dos estudantes do Curso de Pedagogia da [universidade] participantes do subprojeto.” (Subprojeto Pedagogia, 2022, p. 01).

É neste contexto, de formação inicial e prática pedagógica, que se destaca o subprojeto Pibid que se articula entre o Ensino Superior e a Educação Básica, unindo ensino, pesquisa e extensão. Desempenhando um papel fundamental na formação de professores, ao inserir os licenciandos no cotidiano das escolas da rede pública de educação, pois o “[...] o programa possibilita aos licenciandos a efetividade do ensino e da aprendizagem, por meio de ações pedagógicas de interação e mediação entre alunos, professores, conhecimentos teóricos e práticos” (Krawczyk et al., 2022, p. 14). São ou, quando houver financiamento, indicar o órgão de fomento.

Para Ansai (2012), essa iniciativa proporciona oportunidades para que os estudantes criem e participem de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes inovadoras e interdisciplinares, com foco na superação de desafios identificados no processo de ensino-aprendizagem.

A inserção dos acadêmicos no ambiente escolar visa estimular a reflexão sobre a prática profissional. As competências desenvolvidas durante as ações do subprojeto são essenciais para a preparação de educadores em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, oferecendo uma experiência única de múltiplos aprendizados.

Além disso, a formação inicial docente também inclui o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as políticas educacionais, a diversidade cultural e as necessidades específicas dos alunos, preparando os professores para enfrentar os desafios dentro do ambiente educacional. O autor Imbernón (2022, p. 15), contribui sobre as características desta formação:

A formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica, e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam a se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza.

O autor destaca importância de se criar ambientes que possibilitem oportunidades de diálogo, da participação ativa do professor, refletir sobre a prática e continuar aprendendo. O ambiente formativo é visto como um meio para desenvolver habilidades críticas e adaptativas que são necessárias para vida profissional e pessoal.



Esse processo de formação busca desenvolver nos futuros professores conhecimentos sólidos que envolvam o planejar, executar e avaliar práticas educativas eficazes, além de competências socioemocionais e éticas necessárias para interagir de maneira construtiva com os alunos, famílias e comunidades escolares. Diante desta realidade, Imbernón (2022), ainda destaca que:

[...] o contexto em que trabalha o magistério tornou-se complexo e diversificado [...] a profissão exerce outras funções: motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade... E é claro que tudo isso requer uma nova formação: inicial e permanente.

Essa realidade reforça a necessidade de uma formação inicial e contínua, que prepare os futuros educadores não apenas para “transmitir” conhecimento, mas também para enfrentar os múltiplos desafios que surgem no exercício da profissão, adaptando suas práticas educativas às necessidades reais das comunidades escolares e contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento integral dos alunos.

Dentre as contribuições do programa, Krawczyk et al., (2022, p. 14) destaca:

Tais programas na [universidade] possibilitam aos licenciandos, inseridos no futuro campo profissional, a realização de atividades, organizadas e estruturadas, sempre com a orientação conjunta do professor na escola-campo e do docente na universidade, tendo em vista a efetividade do ensino e da aprendizagem, por meio de ações pedagógicas de interação e mediação entre alunos, professores, conhecimentos teóricos e práticos.

A formação dos licenciandos vai além de estudos teóricos e práticas de iniciação à docência. Abrange, ainda, a inter-relação entre teoria e prática – a práxis, em uma dimensão reflexiva e emancipatória, incentivando a formação da pessoa professor em sua plenitude, como indicam Ansai e Junges (2016, p. 30). É nesse contexto que a experiência participativa no subprojeto se torna necessária e efetiva.

O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA PRÁTICA DO PIBID

Destaca-se aqui a alfabetização, que se constitui como pilar fundamental para a formação inicial docente e eixo essencial dentro do subprojeto. Segundo Soares (2013, p. 18, grifo do autor), “pode-se concluir da discussão a respeito do conceito de alfabetização que essa não é *uma* habilidade, é um *conjunto de habilidades*, o que caracteriza como um fenômeno da natureza complexa, multifacetado”. Isso significa que a alfabetização está além de habilidades de leitura e escrita, abrange a capacidade de interpretar, analisar e aplicar informações de maneira contextualizada, com participação ativa.

Cagliari (1999, p. 9), reforça que:



O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

A alfabetização é, portanto, um fenômeno complexo, que não pode ser reduzido a um único processo ou método de ensino. Ele envolve múltiplos fatores, emocionais, sociais, linguísticos. Conhecer e entender esse processo possibilita aos futuros professores a compreensão de como os alunos constroem o conhecimento e a superar as barreiras que possam surgir durante esse processo.

Soares (2020), denota que a alfabetização é um processo de dentro para fora que envolve questões sociais e psicológicas, um processo de evolução cognitiva, e de internalização de comportamentos, valores, conhecimentos, os quais dependem dos estímulos externos.

É pensando neste processo de alfabetização que as participantes do subprojeto desenvolvem atividades lúdicas de apoio à leitura e escrita, as quais colaboram com o desenvolvimento do aluno, a fim de ajudá-lo a superar as dificuldades de aprendizagem. Neste contexto, o subprojeto serve como apoio às escolas parceiras que trabalham em conjunto, contribuindo com o processo formativo das acadêmicas, auxiliando os professores e os alunos em sala de aula.

Segundo Soares (2020), o nível de desenvolvimento das crianças influencia as aprendizagens que podem alcançar, e que essas aprendizagens, por sua vez, promovem avanços no desenvolvimento. Assim, ao aplicar essa visão na prática pedagógica durante o Pibid, os futuros professores aprendem a adaptar suas estratégias de ensino para atender às necessidades de desenvolvimento dos alunos, promovendo um ciclo contínuo de progresso e aprendizado para ambas as partes.

No contexto da alfabetização, o papel do professor é fundamental na identificação dos conhecimentos prévios do aluno e na orientação através de métodos e estratégias pedagógicas para promover seu progresso. Esse processo diversificado facilita a aquisição de habilidades de leitura e escrita, e fomenta um ambiente de aprendizagem onde o aluno se sente apoiado e motivado.

Para Smolka (1989, p. 29), “[...] a alfabetização implica em leitura e escritura de momentos discursivos, o processo se dá em momentos discursivos de interlocuções, de interação”. Percebe-se a importância da interação com o professor, colegas e até mesmo com



textos variados proporciona um contexto mais rico e significativo para a aprendizagem. Ou seja, a capacidade de ler e escrever se desenvolve e ganha significado através da interação com diferentes formas de discurso.

Ler e escrever em um contexto diversificado torna o processo de aprendizagem mais relevante e significativo, a exposição a diferentes gêneros, estilos e vozes literárias permite que eles compreendam melhor a linguagem e melhora suas próprias produções textuais.

Neste viés, Morais (2005, p. 72), ao se referir ao processo de alfabetização e o sistema de escrita alfabética, afirma que:

Concebendo que a escrita alfabética é uma invenção cultural e que a escola pode ajudar o aluno a descobrir suas propriedades, defenderemos um ensino do SEA que promova, sistematicamente, a reflexão também sobre a dimensão sonora das palavras.

A escrita alfabética, enquanto invenção cultural, requer um ensino que valorize a descoberta e a reflexão consciente sobre a linguagem, especialmente no que diz respeito à dimensão sonora das palavras.

No contexto da escola que recebe o projeto Pibid, a colaboração entre as acadêmicas e os professores da escola é fundamental para o sucesso das práticas pedagógicas, particularmente na etapa de alfabetização. Por meio do subprojeto Pibid, as acadêmicas introduzem práticas inovadoras e lúdicas que complementam o trabalho dos professores, contribuindo para a criação de um ambiente de ensino mais interativo o qual leva os alunos a desenvolverem suas habilidades de leitura e escrita de maneira mais prazerosa.

Assim, o projeto Pibid contribui para a melhoria das práticas pedagógicas na escola e no avanço do processo de alfabetização dos alunos.

A ALFABETIZAÇÃO E A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA SOB O PONTO DE VISTA DA PRÁTICA

A avaliação diagnóstica é um componente essencial no processo de alfabetização, desempenhando um papel de análise do desenvolvimento potencial dos alunos nas classes de alfabetização.

A concepção de avaliação, na alfabetização, visa acompanhar o avanço das crianças, e, para isso, busca proporcionar uma intervenção docente que seja emancipatória, formativa e construtiva. Nessa abordagem, é essencial considerar as potencialidades individuais de cada



criança, permitindo seu desenvolvimento contínuo, das habilidades existentes e a construção de novas capacidades ao longo do processo de aprendizagem. Contudo, a forma como o processo de avaliação é compreendida norteará a prática em sala de aula. Hoffmann (2015, p. 1) destaca dois tipos de concepções sobre avaliação ligadas à classificação e mediação:

Uma concepção classificatória tem por finalidade selecionar, comparar, classificar. É seletiva por natureza e, por decorrência, excludente. Uma concepção mediadora tem por finalidade observar, acompanhar, promover melhorias de aprendizagem. É de caráter individual (não comparativa) e baseia-se em princípios éticos, de respeito à diversidade. Visa, desse modo, uma educação inclusiva no seu sentido pleno – de acesso à aprendizagem para todos e por toda a vida (projeto de futuro).

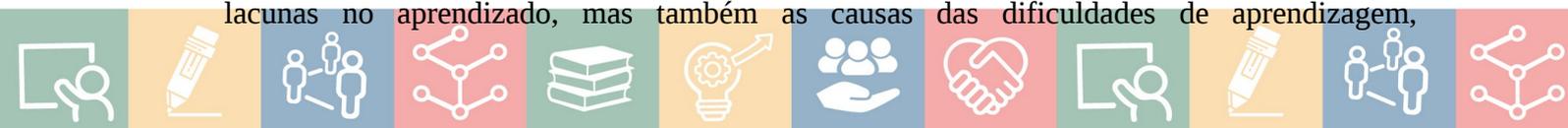
Ao considerar a finalidade da avaliação e de que maneira avaliar, o professor se apoia em sua concepção de avaliação para direcionar suas práticas de ensino. Em outras palavras, a avaliação funciona como um guia para suas intervenções com os alunos, e sua perspectiva sobre a avaliação ajudará a estabelecer seus objetivos. Sali, Magnani e Patella (2023, p. 59) enfatizam a importância de definir claramente as competências ou conhecimentos que serão avaliados:

[...] é necessário definir quais as competências ou conhecimentos serão avaliados, de forma a planejar os processos de ensino com os objetivos a serem alcançados através da introdução, sistematização ou consolidação de competências e conhecimentos pelas crianças.

Assim, ao construir suas práticas avaliativas, os educadores consideram tanto o que será avaliado, quanto como essa avaliação contribuirá para o desenvolvimento das competências e conhecimentos desejados nas crianças, promovendo um ensino mais efetivo e alinhado com os objetivos educacionais estabelecidos. Dessa forma, podem planejar suas intervenções de maneira a orientar e apoiar os estudantes com base nos resultados obtidos, portanto “a avaliação é um processo que envolve a construção e reconstrução do conhecimento” (Hoffmann, 2015, p. s/n).

Por meio da avaliação diagnóstica busca-se compreender os conhecimentos prévios dos alunos. Realizada durante o processo de aprendizagem, essa avaliação verifica o que os alunos já sabem e identifica o que ainda precisam aprender. O diagnóstico pode ser realizado sempre que houver a necessidade, ou quando o professor notar que seus alunos estão com dificuldades e não conseguem ter o rendimento esperado (Lobo; Brito, 2022).

Este tipo de avaliação serve como ponto de partida, permitindo não apenas identificar lacunas no aprendizado, mas também as causas das dificuldades de aprendizagem,



possibilitando a implementação de recursos para corrigi-las. Para tanto, Lobo e Brito (2022, p. 36), explicam que:

[...] é a partir da avaliação diagnóstica que será possível o professor perceber os níveis de alfabetização de cada criança e qual caminho percorrer, colocando em evidência os pontos fortes e fracos de cada um, e assim iniciar uma sequência de aprendizagem adequada.

A avaliação diagnóstica é essencial para que o professor desenvolva, direcione e fortaleça seu planejamento educacional. Silva e Alves (2012, p. 12) reforçam sobre o potencial da avaliação diagnóstica:

Dentro do processo de ensino-aprendizagem a avaliação diagnóstica instrumentalizará o professor a fim de que possa pôr em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos, não devendo se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno.

Dessa forma, a avaliação diagnóstica pode e deve ser realizada para acompanhar o desenvolvimento e progresso da aprendizagem do aluno, ou seja, ela desempenha a função de monitoramento. Lobo e Brito (2022, p. 32) contribuem neste contexto:

Pois é através da avaliação diagnóstica que o professor terá um conhecimento prévio daquilo que o aluno já sabe, e assim ele poderá definir como serão os próximos passos, quais os meios que poderão facilitar para uma aprendizagem significativa, e como ele deve proceder, daí por diante pensar em ações que auxiliarão para a tomada de decisões.

Portanto, a avaliação auxilia o professor na verificação da assimilação do conteúdo, tendo em vista que o professor deverá conhecer cada etapa do processo de avaliação e que a avaliação sirva de instrumento para melhoria da aprendizagem do aluno. Lobo e Brito (2022) evidenciam que é a partir do diagnóstico que o professor definirá como proceder em suas ações e em suas decisões, a fim de contribuir para uma aprendizagem significativa.

É importante destacar que a avaliação diagnóstica tem como objetivo se levantar, verificar e diagnosticar os pontos fortes e fracos do aluno durante o processo de construção do conhecimento, permitindo a correção de deficiências e o fortalecimento de habilidades quando necessário. No contexto da alfabetização, essa ferramenta é ainda mais essencial, pois possibilita identificar o estágio de desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, e outras competências linguísticas e cognitivas fundamentais.

No projeto Pibid, a avaliação diagnóstica foi utilizada desde o início para mapear o nível de conhecimento prévio dos alunos em relação à leitura e escrita. Com base nesses



diagnósticos, foram planejadas intervenções pedagógicas personalizadas, sob a supervisão da professora regente, e aplicadas como atividades lúdicas, principalmente jogos, voltados ao reforço das áreas onde os alunos apresentavam maior dificuldade. Essa abordagem permitiu um acompanhamento contínuo do progresso de cada aluno, garantindo que as práticas pedagógicas fossem ajustadas conforme as necessidades identificadas ao longo do processo de alfabetização.

Morais (2012, p. 174) destaca a necessidade de diagnóstico constante para o progresso dos alunos:

A avaliação numa perspectiva formativa, tal como muitos a defendem hoje, só faz sentido se lutarmos o tempo todo por buscar coerência entre o que ensinamos e o que tratamos como objetivo de avaliação. Diagnosticar sempre é o primeiro passo para praticar tal coerência. Daí que não podemos deixar o tempo no ciclo ou etapa inicial de alfabetização "ir passando", sem que estejamos monitorando o que cada aluno está alcançando, em termos de progresso, e identificando com mais precisão onde vamos intervir, para que construa os conhecimentos ainda não consolidados.

Portanto, compreende-se a importância de manter a coerência entre o que é ensinado e o que é avaliado. É necessário aliar o ensino à avaliação para acompanhar o progresso dos alunos. O diagnóstico contínuo garante que cada aluno receba o suporte necessário. A avaliação é indispensável na alfabetização, pois orienta o professor a intervir de forma precisa e consistente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo do presente texto, que foi analisar o papel da avaliação diagnóstica no processo de alfabetização, destacando suas implicações para a prática pedagógica e seu impacto neste processo de ensino-aprendizagem, pode-se inferir que o subprojeto Pibid ofereceu oportunidades únicas que permitiram uma imersão profunda no processo de alfabetização, promovendo uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas.

A participação no subprojeto Pibid evidenciou a importância de uma avaliação diagnóstica atenta e precisa no processo de alfabetização, possibilitando experiências essenciais para a formação do professor, destacando como uma avaliação diagnóstica bem conduzida pode transformar a prática educativa. Essa experiência proporcionou um olhar mais detalhado sobre o papel fundamental da avaliação diagnóstica no processo de alfabetização, ao oferecer uma visão abrangente das habilidades e competências atuais dos alunos.



É importante ressaltar que a compreensão dos fatores externos e internos, como o contexto social, cultural e emocional, que influenciam diretamente o desempenho dos alunos, é essencial para uma avaliação eficaz. Considerar esses fatores, durante a avaliação, permite que o professor tenha um suporte estratégico para o planejamento pedagógico, atendendo de maneira mais precisa às demandas individuais dos alunos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que foi de extrema importância para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional, proporcionando uma vivência enriquecedora na prática pedagógica.

Agradeço, especialmente, à minha supervisora e a coordenadora do projeto e demais professoras que contribuíram com sua experiência e orientação, especialmente no processo de escrita deste artigo. Seus ensinamentos foram essenciais para a construção deste trabalho e para o meu crescimento como futura profissional da educação.

REFERÊNCIAS

ANSAI, R. B. A formação inicial no Curso de Pedagogia e a coordenação do Projeto “Mão Amiga”: reflexões sobre o aprender a fazer e a ser professor. *In*: ANSAI, R. B. (org).

Formação inicial no curso de pedagogia: a práxis educativa lúdica no contexto de dificuldades de aprendizagem. União da Vitória: Editora, 2012. P. 21-44.

ANSAI, R. B.; JUNGES, K. dos S. A contribuição do Projeto Mão Amiga Capes/Pibid e a qualidade das ações acadêmicas na formação docente inicial no Curso de Pedagogia da Unespar/UV. *In*: CAMARGO, S. S. de; STENTZLER, M. M. (orgs.). **Iniciação à docência PIBID e a formação de professores pelos campi da UNESPAR.** Curitiba: Íthala, 2016. P. 30-45. Volume União da Vitória.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** São Paul: Scipione, 1999.

CAPES. **Edital 023/2022 - Capes/Pibid.** Brasília: MEC: Capes, 2022.

HOFFMANN, J. Avanços nas concepções e práticas da avaliação. *In*: XIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 2015, Recife. **Anais [...]** Recife: Sesc: Senac, 2015. Disponível em:

<https://www.pe.senac.br/congresso/anais/2015/arquivos/pdf/atlas/Texto1JussaraHofman.pdf>.

Acesso em: 25 jun. 2024.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2022.



KRAWCZY, A. C. de D. B. et al. Programas Pibid e RP na Unespar 2020-2022. *In*: TREVISANI, A. P.; DESIDÉRIO, R. (orgs.). **Pibid/RP Unespar: (inter)conexões e olhares entre múltiplas vivências no Estado do Paraná**. Londrina: Ed. dos Autores, 2022. P. 08-23.

LOBO, R. G.; BRITO, B. K. L. Avaliação diagnóstica: conceitos e práticas nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. 16, n. 34, p. 29-38, jan-abr. 2022. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1815/746>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MORAIS, A. G. de; LEITE, T. M. R. Como promover o desenvolvimento das habilidades de reflexão fonológica dos alfabetizandos? *In*: MORIAS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEAL, T. F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 71-88.

MORAIS, A. G. de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

SALI, J. J.; MAGNANI, C. de S.; PATELLA, M. B. Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista In Litteras do UniSantaCruz**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 47-70, maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.unisantacruz.edu.br/index.php/inlitteras/article/view/353/356>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SILVA, J. A. da; SILVA, M. J. da; ALVES, S. C. **A aplicação da avaliação diagnóstica no ambiente escolar: um olhar reflexivo**. João Pessoa: UFPB, 2014.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

SUBPROJETO Pedagogia. Paranavaí: Unespar: Cursos de Pedagogia, 2022.

